



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

FOLKLORE

Ao encetarmos esta secção na *Revista de Guimarães*, sentimos a necessidade de justificar, perante uma parte dos nossos leitores, a importancia d'estes estudos, á primeira vista frivolos.

E, como nós, perfeitamente hospedes no assumpto, estamos longe de ser os primeiros a quem aconteça o mesmo, para nos pouparmos ao trabalho fatigante e inutil de repetir por differentes palavras o que já está dito e nós não diríamos tão bem, transcrevemos do livro do snr. J. Leite de Vasconcellos — *Tradições populares de Portugal*— os trechos principaes da primeira parte da Introdução em que se trata a materia d'um modo que nos parece completo.

O auctor nos perdoará a longa transcripção, attendendo á conveniencia de vulgarisar o gosto pelos seus « estudos predilectos. »

Diz elle :

« Estou certo de que grande parte dos leitores d'este livro hão de achal-o uma cousa futil, ou, quando muito, um assumpto de simples curiosidade. Não me admiro: as ideias, antes de se imporem completamente, precisam de passar por um *struggle for life* ; além d'isso, os objectos com que se está mais em contacto são de ordinario os que menos vezes despertam a attenção, pois que o habito não deixa reflectir n'elles.

« As superstições, os costumes, os jogos, os contos, as cantigas, as adivinhas, as rimas infantis, os ensalmos, as orações, as xacaras, todas essas tradições que constituem o Folklore, parecem na verdade á primeira vista objectos destituídos de importancia, e proprios exclusivamente de espiritos ignorantes e rudes ; a importancia porém do estudo scientifico das tradições populares resulta das seguintes rasões, entre outras, e eu peço aos que combatem esse estudo o favor de m'as refutar :

« 1) As tradições populares manifestam o modo como o povo encara

actualmente a Natureza e como vive na sociedade, no que vae uma necessidade de exame para o demopsychologo e para o historiador, nenhum dos quaes póde afirmar que surprehendeu todas as manifestações cerebraes, que entreviu a evolução da intelligencia, ou que conhece conscienciosamente o seu paiz. sem primeiro ter interrogado o povo, que, se, por um lado, é um órgão atrophiado do grande corpo da humanidade, por outro, é ainda um embryão a desenvolver-se, e em ambos os casos representa uma das forças mais importantes de uma nação.

«2) As tradições populares elucidam-nos sobre o passado, porque no geral nenhuma d'ellas é moderna, como se reconhece pela comparação com o que existe nos differentes paizes ou com o que n'um mesmo paiz existe em differentes epochas.» . . . «Comquanto a existencia de algumas tradições eguaes em differentes paizes, por ex. certos adagios, possa ser explicada por uma producção espontanea e independente n'esses paizes, a maxima parte terá de se explicar por dois modos: a) transmissão de povo a povo, ex. certas fabulas que por intermedio dos sacerdotes budhicos foram communicadas aos escriptores brahmanicos, dos quaes passaram á Persia e d'ahi a Cordova no tempo da dominação arabe na peninsula; b) propriedade commum das raças antes da sua separação. — Qualquer d'estas tres causas, a producção independente, a transmissão de povo a povo, a origem commum, é interessante, no primeiro caso para a demopsychologia, nos outros para a historia. As superstições, os contos, as poesias populares, etc., são frequentemente o ultimo vestigio de mythos primitivos, como acontece com as fogueiras do S. João, o ceppo do Natal, as Maias, etc., em que se celebra, sob um aspecto mais ou menos catholico, a lucta do Verão e do Inverno, da luz e das trevas.» . . .

«3) As tradições populares, principalmente a poesia, dão a média da capacidade esthetica do povo que as repete.

«4) As tradições populares habilitam-nos para avaliarmos a grande communicacão que houve entre os escriptores litterarios e o povo, porque as litteraturas são tanto mais verdadeiras, tanto mais ricas, quanto em maior grau essa communicacão se exerce.

«5) As tradições populares revelam processos naturaes, e fórmãs archaicas e dialectaes da linguagem, cujo conhecimento importa para o campo da Glottologia, como por ex. a descoberta de um astro para o campo da Astronomia. D'aqui se vê a conveniencia de relacionar o estudo da Glottologia com o do Folklore.

«6) As tradições populares tem uma importancia prática pela sua applicação á educação infantil. Uma boa educação consta de tres partes: educação physica, moral e intellectual; ora para todas ellas as tradições populares offerecem themas variados. As forças physicas robustecem-se, por ex., nos jogos, como os *cantinhos*, a *cabra-cega*, o *assim-se-amassa*; muitos adagios, contos, fabulas e romances offerecem desfechos de alta moralidade; as faculdades intellectuaes desenvolvem-se, por ex., na decifração das adivinhas, na pericia dos jogos (o pião, a pelle, etc.), na poesia (*parte esthetica*). As creanças amam naturalmente aquillo que conhecem, e por isso ser-lhes-ha muito mais agradável começar a lêr algumas ingenuas cantigas do berço e do S. João, do que as paginas assucaradas e massudas de algum prégador delambido. Os costumes populares no ensino têm ainda a vantagem de fortalecer o cerebro da creança no respeito da nacionalidade, aqui representada n'um dos mais importantes elementos — a *tradição*. Muita gente achará extraordinario o que digo, mas o que é certo é que na Allemanha, e outros paizes mais adiantados do que o nosso, se pratica assim; e então Portugal não faria nada de mais se os imitasse. Antes se incuta a ve-

neração da patria por meio da educação, do que por meio de luminarias nas datas historicas do 1.º de Dezembro e do 9 de Julho.

«7) As tradições populares, estudadas scientificamente, offerecem ainda outra vantagem prática, porque, preparando a interpretação d'ellas, desfazem muitas creanças erroneas. Se os inquisidores tivessem tido conhecimento da histero-epilepsia, escusavam de ter queimado tantos infelizes condemnados como possessos.

«Além d'estas rasões, o *Folklore* é, como disse, um objecto de curiosidade para o povo, porque contém a sua obra.»

Resta-nos só rogar encarecidamente aos nossos leitores que nos communicem todas as tradições populares de qualquer especie de que tenham conhecimento. Deve-se indicar as terras onde são colhidas e conservar rigorosamente todas as fórmãs da linguagem popular e, para melhor, conservar tambem as irregularidades da pronuncia ou da orthographia do povo que as repete. Poderemos assim reunir na *Revista de Guimarães* uma contribuição importante para o progresso da sciencia.

Adivinhas

As que seguem foram todas recolhidas este anno em Guimarães. Devo parte a algumas senhoras da minha familia e o maior numero ás snr.^{as} Maria d'Oliveira e Thereza de Jesus; a de n.º 35 foi-me communicada pela exc.^{ma} snr.^a D. Ignez de Queiroz; algumas, que hoje não posso discriminar, e das melhores, pela exc.^{ma} snr.^a D. Maria d'Oliveira de Barros Peixoto. As de n.ºs 14, 60, 73, 3, 79, 20-A, 13, 21-B, 41-A, 93, 83, 94, 56-B, 78, 63-A, 30, 74, 59-B, 34, 75 e 71-A foram copiadas d'um pequeno caderno de uso, que me confiou a snr.^a Thereza de Jesus. Estas e algumas das restantes são, como o leitor verá, producções ou ampliações eruditas de themas populares. Publico-as todas por achar curiosa tambem a comparação entre umas e outras. Guimarães foi sempre torrão fertil em poetas. Tenciono ainda um dia dar conhecimento d'algun do principio d'este seculo, a que se não póde negar o talento e nobreza de sentimentos. N'essa época, e ainda depois, a poesia foi um entretenimento das nossas salas e sem duvida a adivinha popular recomposta prestava-se admiravelmente a esse effeito.

Na impossibilidade de reunir todos os livros, revistas e jornaes avulsos em que teem sido publicadas adivinhas, decidi-me a publicar todas as que recolhi, referindo-me unicamente ao livro acima citado. Os especialistas farão a escolha sem estranharem de certo que lhes dê tão pouco um simples curioso d'ocasião.

1

Luz 1

Que é, que é
Do tamanho d'uma abelha
E enche a casa até á telha?

2

Escuridão

Qual é a coisa, qual é ella
Quanto maior é
Menos se vê?

3

Vento

Eu ando logoas n'um pé,
Tenho entrada em toda a parte,
Mas o sitio onde m'escondo
Não descobriu inda a arte.

Uns appetecem-me fraco,
Outros desejam-me forte,
O afouto que me não teme
As vezes entrego á morte.

Sou muito desarranjado
E nada sei arrumar,
Antes deixo muitas coisas
Por fóra do seu logar.

4

Anno

Um gigante de bella feição,
Tem doze filhos do seu coração,
Cada filho tem trinta netos
Meios brancos e meios pretos.

5

Raul e luar

Á direita é um homem,
Só quatro letras tem
E á esquerda, se o quizeres,
Só á noite é que vem.

6

Cal

Q'al é a coisa, q'al é ella, 2.
Onde está bom parece ella?

7

Sal

Femea sou de nascimento,
Macho me querem fazer;
Hei de morrer afogado
P'ra femea tornar a ser.

8

Amor perfeito

De fino velludo é o teu vestido,
De lindas côres adornado,
É divino o teu pintor,
Es perfeito e delicado.

9

Couve

Que é, que é que quando naseo
E do tamanho d'uma pulga
E tem as orelhas como uma burra?

10

Cabaça

Semeiei troncos e nascem-me cordas
E na ponta das cordas nascem-me bolas.

11

Melão

Letras me puzeram
Que nunca se leem,
Diz que me calasse,
Eu nunca fallei,
Logo que me *calaram*
Meus dias acabei.

12

Melancia

Sou refresco saboroso,
Na flôr da terra habito,
Sou um verde bem bonito,
Quem me tem vive afflicto.

12-A

Minha mãe era uma preta,
Por encanto trabalhou,
P'ra me dar branca e vermelha
Assim verde começou.

12-B

É verde não é limão,
É branco não é papel,
É vermelho não é sangue,
E preto não é carvão.

13

Amora

Não sou negra de Guiné,
Nem vim da Costa de Mina,
Sou uma preta crooula
De estatura pequenina.

De calida nada tenho,
Ser fria é meu natural,
E por isso com meu sangue
Sei atalhar certo mal.

Tenho uma mãe muito farta,
Tão boa condição tem,
Que, depois que cria os filhos,
Dá sustento a mais alguém.

14

Piteira

Sem ser rosa tenho espinhos,
Tenho fios sem ser teia,
Posso supprir por parede
Sem ser cal, pedra ou areia.

Conservo prestimo grande
Para coisas delicadas,
Que já foram muito moda
E hoje são pouco usadas.

Pelos ladrões sou temida
E meu dono em mim descança;
Quando me vejo mais velha
Tenho commigo uma lança.

15

Pinheiro

Comprido do pé
Redondo da bola,
E em cada ponta
Uma carambola.

16

Pinhão

Paes altos, mães baixas,
Filhos pretos, netos brancos.

17

Carvalha

Qu'arvore é que larga o fructo
E deixa ficar o casulo?

17-A

Uma coisa que tem muitas filhinhas
E a todas dá uma carapucinha?

18

Lande

Altos alamaros,
Quetulos (cogulas?) de frades,
Tocando *geribodes*,
Adivinha se podes.

19

Ouriço

Tenho armas não de fogo,
Não me servem de proveito;
Rindo se me abre a bocca,
Lanço o que tenho no peito.

A dama que de mim sae
É mais formosa do que eu;
Ella vai com quem a leva,
Eu fico com quem me deu.

19-A

Altos, verdes *caninés*,
Por cima *piu*, por baixo *mé*.

20

Castanha

Alto está, alto mora,
Dá um riso, vai-se embora.

20-A

Eu nasci dentro d'um berço
Que ninguem tocar ousava,
Aquelle que lhe mexia
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-m'o fato, ando núa,
Na velhice ao tempo exposta,
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

21

Azeitona

Verde foi meu nascimento
E de lucto me vesti,
Para dar a luz ao mundo
Mil tormentos padei.

1 Vem já nas *Tradições populares de Portugal*, pag. 44, com a unica substituição da formula inicial. V. tambem n'esta colleção os n.ºs 83, 90 e 90-A.

2 Tambem se diz: *Cal é elle, cal é ella*. V. R. de G., pag. 61.

21-a

É de lucto o traje meu,
É duro o meu coração,
As pinguinhas do meu sangue
Vão correndo pelo chão.

21-b

Tenho uma vida de escrava,
Com captivoiro tão mau
Que, sem eu fazer delicto,
Me mandam correr a pau.

Pelos pratos que me dão
Nunca velha chego a ser,
Meu senhor se alegra muito
De ver meu sangue correr.

Acabo martyrisada,
Mas, em boa opinião,
Meu sangue é útil ás vezes,
Tem muita veneração.

22

Noz

Alto que nem torre,
Dóce que nem mel
E amarga como fel.

23

Laranjeira¹

Altos castellos,
Verdes e amarellos.

24

Laranjas¹

Em altos castellos
Bois amarellos.

25

Roman

Pucarinhos, *pucaletes*,
Oh! que lindos ramalhetos!
Nem cozidos nem assados,
Nem comidos com colher.
Não adivinhas este arno,
Nem para o outro que vier,
Só se t'o eu disser.

26

Videira

Eu sou velha, não o nego,
E o inverno me faz cega,
Os olhos me veem no verão,
Tenho um filho por brasão,
Que a muita gente faz perder
Hora, brio, consideração.

27

Uva

Que é, que é
Que nasce n'uns pausinhos,
Redondinho como bugalhinhas,
E é tão aternegado
Que até aos pés é calcado?

28

Uva passa

Uma velha muito velhinha,
De velha encorralhada,
No c... tem uma tranquinha.

29

Vinho e vinagre

Nós somos ambos irmãos
E da mesma geração;
Todos os dias vou á missa,
Nunca lá vai meu irmão.

Para bodas e banquetes
A mim me convidarão,
Para gostos e guizados
Fallem lá com meu irmão.

30

Esponja

Minha mãe, que me creou,
Apenas me vê crescida,
Me lança fóra de si,
Mui pouco compadecida.

Quando me encontro com ella
Seus passos vou atallar
E, com as boccas que tenho,
Faço pela segurar;

35

Borboleta

Ando toda matizada
De lindas, diversas côres;
Se me apraz entre as flores
Passo a vida socegada;
Sou ás vezes maltratada
Por força da sorte impia,
Invencível sympathia
Melhor me fóra não ver
Que mais tempo duraria.

36

Sardinha

Como vil e diminuta,
Tambem de boa conducta,
Entro na praça publica;
Cada um com seu vintem:
— A mim, a mim, quero tambem. —
Sou de ricos e de pobres,
De mechanicos e nobres,
Vou ás cidades e aldeas,
Sou a alegria de todos
Nos almoços e nas ceas.

37

Cobra

Por aquelle monte
Vai uma dama,
Mui sisuda no andar,
Não leva saia nem manto,
Sua vista faz espanto
Que de natureza o é.

37-a

Passo por onde eu quero,
Caminho com desafogo;
Todos os annos me visto
E sempre de traje novo;
Como e bebo e nada me custa
E quem me vê logo se assusta.

38

Ovo

Meu pipinho, meu *pipote*,²
Não tem torno nem batoque,
Nem por onde se lhe tire,
Nem por onde se lhe bote.
— Ovo.
— Chucha-lhe a m... e papa-lhe o miolo.

Mas não é por muito tempo
Que a sua prisão lhe dura,
Porque me apertam as boccas
Até que lhe dá soltura.

31

Bicho da sêda

Macho foi meu nascimento,
Como macho herva comi;
Mas depois que cresci
Monge fui para o convento;
Ali chegou meu descontentamento
Da minha sorte maldita;
Fui femca e bem bonita;
Amores não encontrei,
Então morri afflicta.

32

Aranha

Sou uma pobre envergonhada
A qualquer canto mettida,
Trabalhando noite e dia,
E do trabalho que faço
Ainda euro alguma frida;
E ainda ha quem de mim diga,
Com cara de pouca vergonha:
— Fugi d'ella, que tem peçonha!

33

Abelha¹

— Venha cá, senhor estudante,
Se sabe a philosophia,
Diga qual é a ave voante
Que não tem peitos e cria,
Aos vivos dá alimento
E aos mortos alumia?

34

A cera e o mel

Nós nascemos femca e macho
Com cautela e estimação,
Porém eu nasci primeiro
Que nascesse meu irmão;

Curado dos meus achaques
Adquiro fama enorme,
Mas tenho um inimigo
Que me persegue e consome.

Meu irmão quando mais novo
Mais seus amigos conforta,
Nossa mãe sem este filho
Esmorece e fica morta.

¹ V. nas *T. p. de P.*, pag. 137, duas variantes.

² V. nas *T. p. de P.*, pag. 156. A fórma «pipote» é usual em toda a parte, não assim «pipeirinho» ou «pipeirote» que nunca ouvi. Esta comprehende a 2.^a e 3.^a apresentadas pelo snr. J. Leite de Vasconcellos.

¹ V. nas *T. p. de P.*, pag. 129, uma outra variante.

38-A 1	40-A
Que é, que é Uma casinha branca Sem porta nem tranca ?	Serra na cabeça, Foiçinha no rabo, Advinha, tolo, O que é ? um gallo.
38-B	41
Branco é, 'marella o põe. 1	Rato
38-C	41-A
Redondinho, <i>redondello</i> , 3 Não tem porta nem portello.	Minha mãe é uma ladra E meu pae é um ladrão, P'ra não ficar desbordado Eu saio á geração.
38-D	42
Casa caiada, Porta (!) amarrella, Ninguém mora n'ella.	Eu sou filho d'um ladrão, Minha mãe também é ladra ; O mesmo vicio, me quadra Por sahir á geração.
38-E	42
Sou careca E parente de carecas, Minha mãe é desdentada E meu pae é cantador ; Eu não sou da mesma cor.	Ando-me sempre a esconder Só porque ninguém me veja, Quem a morte me deseja É que me dá de comer.
39	42
Capão 4	Toupeira
Que é, que é, Foi e não é, Come e bebe E anda a pé ?	O que é, que é Que estossa no chão E porco não é ?
40	43
Gallo 5	Corno
Tenho c'róa e não sou rei, 's horas e não sou cavalleiro, Sci as horas e não pelo norte, Canto matinas, não sou sacerdote.	Lua nova, lua cheia, Tem um r na bandeira, n, o. Que quer dizer ? 6

1 Variante nas *T. p. de P.*, pag. 156, a 1.^a

2 Também se diz «gallinha o põe». Nesta fórmula usa-se muito, entre o povo, propô-la gracejando, á pessoa com quem se falla, para indicar que uma coisa é muito facil de perceber.

3 Duvido da genuinidade d'esta fórmula «redondello» e da fórmula «miudaes» da advinha n.º 66 d'esta collecção. Quer-me parecer que haveria uma apropriação artificial á rima, da parte de quem m'a communicou, dos deminutivos «redondinho, miudinho». Comtudo isto é talvez um excesso de desconfiança, provocada pela incerteza com que essas fórmulas me foram ditas.

4 V. nas *T. p. de P.*, a pag. 151. As duas completam-se. «Foi frango» é realmente a explicação do verso: «Foi e não é»; mas a advinha é ao capão, não ao gallo.

5 Cf. a 2.^a de pag. 151 nas *T. p. de P.*

6 A lua nova tem a fórmula de um C, a lua cheia d'um O. Ter um R na bandeira quererá dizer que o leva no meio? E assim se fórmula o conceito: C + o + r + n + o.

44	44
Penna	Antes de sua mãe nascer Porque ella nunca nasceu ; Enterrou-se nas entranhas De sua avó inda virgem Quando seu neto morreu 1.
45	45
Barba	80 Avó, mãe e filha
Sou do Tureo ou querida, Das mais nações desprezada, Dos rapazes cubiçada. A miudo porco a vida Por um vintem e por nada.	75 Duas mães e duas filhas Cobertas com tres mantilhas?
46	46
Lingua	81 Fallam duas mulheres, casa- das com os paes uma da ou- tra:
Que é, que é uma senhora Toda assenhorada Que nunca sae á rua E está sempre molhada ?	82 Acolá vem nossos paes Paes dos nossos filhos, Nossos legitimos maridos.
47	47
Os dentes e a lingua	83 Falla do milho ao carneiro 2
Muitas pedras a moer E uma vassoura a varrer ?	Tu que me miras Comer-me querias ; Tu morrerás E eu ficarei ; De ti ficará Onde m'eu metterei.
48	48
Coração	84 Escrever
No logar onde nasci É que desejo morrer ; E o meu maior amigo Nunca me deseja ver.	85 Campo branco, semente preta, Cinco bois a uma chavelha 3.
49	49
Abel	86 O
Houve um homem no mundo Que sem culpa morreu,	Ao mundo sou comparado Sem ter principio nem fim, Sem mim não pôde haver Deos Mas rei e cardeal sim ;

1 De facto Eva nunca nasceu, visto que foi formada d'uma costella d'Adão, assim como, sendo essa a origem d'Eva, a mãe d'esta e avó de Abel foi a Terra, o barro de que foi formado Adão.

2 Cf. a — advinha da uva que falla á cabra — nas *T. p. de P.*, pag. 182.

3 Também já ouvi — chaveta.

55

Linho

Roi *picango*, roi *picango*,
Cae a folha, cae o manto,
Sempre fica rei *picango*.

56

Roca

Oh! que dama tão formosa!
Dois ladrões a stão spreitando,
Ao tocar das castanholas
As tripas lhe estão tirando.

56-A

Sou velha e muito velha,
Só ao pé de velhas 'stou bem;
Estas meninas da moda
Nenhumas me querem bem.

Trago commigo um rapaz
Muito propenso p'rá dança,
Tem a cabeça bicuda
Muito além de ser creança.

56-B

Eu sou velha e muito antiga,
Só com velhas me dou bem,
Que estas meninas da moda
Amizade me não tem.

Trago commigo um pequeno
Com propensão para a dança,
Muito agudo da cabeça
Apesar de ser creança.

Quem tem dó de me vêr nua
De novo me vae cobrir,
Eu do fato que me dão
Faço o pequeno vestir.

57

Maçarocas

Tenho um brinco, brinco, brinco,
Que de brincar m'endoidoe:
Quanto mais c'o brinco brinco,
Mais o brinquinho me cresce.

58

Novello

O que é, que é
Pequeno como um limão,
Tão alto como um leirão
E cabe no ninho d'um pimpalhão?

59

Dobadoira

O que é, que é, que nasce no monte
E lá mesmo a vão matar
E a casa nos vem cantar?
— Dobadoira.
— No c... te estoira.

59-A

São quatro irmãs,
Cobre-as a mesma mantilha,
Andam umas atraz d'outras
E nenhuma se pilha.

59-B

Sou de quatro divisões,
Sustenta-me uma columna,
Tenho alguma similhaça
Com a roda da fortuna;

Que lhe não faça paradas
Meus donos de mim prendem,
E quando querem que corra
Com uma cinta me prendem;

Mas sem eu ser curiosa,
Chocalheira, entremetida,
Não me livro de me vêr
Em alguns enredos metida.

60

Sarilho

Vejo-me só, posto ao canto,
Depois que sahi do matto;
Se me vestem, pouco a pouco,
Logo me tiram o fato.

Por costume sou cortez;
O trabalho dos meus dias
É, na mão da minha dona,
Estar sempre ás cortezias.

Quando alguns tombos me dão
Eu não digo *chuz nem buz*,
E tudo quanto me fazem
Vou soffrendo a minha cruz.

61

Meada

Nua e crua me puzeram
Sobre o fogo abrazador,
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me trouxeram:
Sobre a pedra lisa e dura
A côr mudar me fizeram.
Hoje, em quatro paus segura,
Em continuas voltas ando,
Até que, extincta ficando,
Mudo de nome e figura.

62

Corda

O que é, que é
Que vai p'ro monte encolhido
E p'ra casa vem 'stendido?

63

Tesoura

Uma dama delicada,
Delicada no comer,
Mastiga e deita fóra,
Engulir não pôde ser.

63-A

Duas irmãs muito unidas
Vivem mas sem que se casem,
O seu trabalho é fazerem
O que as más linguas nos fazem.

São agudas e valentes,
Toem em toda a parte entrada,
E são por pobres e ricos
Muitas vezes procuradas.

Aproveitam, desperdiçam
Tudo quanto vão fazer,
Pois que os dedos pelos olhos
Todos lhes querem metter.

64

Alfinete

Em França fui nascido,
Em Portugal sou vendido,
A minha vida é 'star preso,
Se me soltam 'stou perdido.

64-A

Todas as damas me querem,
Dão-me á cabeça o valor,
Sem ter dentes firo ás vezes,
Sem montar sou picador.

Aquelle que de mim precisa,
Se ao pé de si me não vê,
Vai buscar noticias minhas
Em *carta* ¹ que se não lê.

Quasi todas as creadas
Me encontram, sendo perdido,
Sou mil vezes emprestado
E nunca restituído.

64-B ²

Eu venho do estrangeiro
Em documento que se não vê,
Sou picador e não montador,
Todas as damas me querem
Ao seu peito trazer;
Sou perdido e não restituído.

65

Agluha e linha

Que é, que é
Anda de buraco em buraco
Com as tripas de rastos?

66

Agluha e dedal

Uma dama delicada
Dá um passo *miudae* ³,
Tem um pagem que a segue
Todo cheio de signaes.

66-A

Uma senhora caminha
Por onde ninguem caminha,
D'um mancoço se ajudava
Que á sua beira tinha;
Elle tem muitos signaes
Em todo o seu corpo lindo.

67

Dedal

Somos muitos irmãos
Espalhados pelo mundo,
Uns c'roados, outros por c'roar,
Nem a todos se lhes vê o fundo;
Alguns homens os procuram
E algumas mulheres também;
Não é pau nem carauça
Nem é coisa d'enfeitar;
Todos o põem na cabeça
Por ser esse o seu logar.

68

Leque

Sou um triste engrunhado,
Só com as moças m'entendo;
Tiro-lhes o que ellas tem,
Dou-lhes o que ellas não tem;
Só ao pé das moças stou bem.

¹ Os alfinetes vem das lojas n'uma especie de envelopes. Diz-se: ir buscar uma *quarta* d'alfinetes; e tambem: uma *carta*.

² Parece uma degeneração das duas anteriores.

³ V. nota 3 a pag. 112.

69

Espelho

Que pinta o pintor
Com tal instrumento
Que não só pinta a côr
Mas até o movimento ?

70

Piano

Sou corpo com muitas linguas
E com todas ellas fallo,
Quando estou com quem m'entenda
Por dar gosto não me calo.

Tenho dez amigos certos
Com quem eu muito me dou,
Elles são quem me procura,
Eu nunca buscal-os vou.

Ainda que me julguem forte
O mau tempo me faz danno
E quem m'escrever o nome
Sempre me põe data e anno.

70-A 1

Com *p* se escreve palmeira,
Com *p* se escreve palito,
Com *p* se escreve pereira,
Papagaio e periquito.

Com *p* tambem a raposa,
Com *p* se escreve prezunto,
Com *p* se escreve uma coisa
De que as moças gostam muito.

Não se riam, minhas senhoras,
O que é instrumento,
Que soluça, diverte e chora,
Tocado com sentimento.

71

Relógio

Os homens me dão governo,
Aos homens governo eu dou,
Quando se esquecem do mim
O meu governo acabou.

71-A

Por conta, peso o medida,
Vivo muito desejado;
Em pontos de tratamento
Sou bastante delicado.

Negocios, jornadas, tudo
Ajustado e prometido,
Raras vezes se conclue
Sem que eu seja allí ouvido.

De doze irmãs sou amparo,
Recolhidas e donzellas,
Que por mudas não se explicam,
Eu é que fallo por ellas.

72

Caixa do rapé

'Stalagem pequena o açada,
Dois hospedes á entrada,
Elles entro a dois e dois,
Uns primeiro, outros depois;
Elles entram e não pagam
E não sahem que não tragam.

73

Espingarda

Eu tenho um prestimo só,
Sou por isso estimada;
Tenho um demonio a servir-me,
Sem elle não posso nada.

Trago sempre um cão commigo,
Não para que me defenda;
Meu dono se põe á mira
Quando mostro minha prenda.

Não provo nenhuma carne,
Bem que m'a vejam buscando,
Como uma colher de grão
Com que fico arrebentado.

74

Bainha

Sirvo uma fera senhora,
Para a servir me criei;
É tão nobre que anda ás vezes
Até ao lado do rei.

Seja no campo ou na côrte
Traz uma guarda commigo,
Porém nunca está melhor
Do que quando está commigo.

Não lhe posso reprimir
Os impetos que ella tem,
Mas commigo é que se acouta
Apenas offende alguém.

75

Dado

Sou arbitro da desgraça
E tambem da boa sorte,
Em vida nada governo,
Governo depois da morte.

Por conta ás vezes dou conta
D'abundante cabedal,
E, procedendo d'un bruto,
Faço bruto o racional.

Com o prestimo que tenho
O meu nome não condiz,
Só por interesse faço
O desgraçado feliz.

76

Pião

P'r'andar me põem a capa,
P'r'andar m'a tornam a tirar;
Não posso andar sem a capa,
Co'a capa não posso andar.

77

Tambor

Em quatro pernas andei,
Agora em duas ando,
Todos acodem á minha voz chamando,
Só tenho uma mão desalmada
Que me dá muita pancada.

78

Nau

Tenho azas, não sou ave,
Sem ellas não posso andar,
Nem caminho pela terra,
Nem adejo pelo ar.

Ás vezes por onde vou
Bailo com desembaraço,
Muita gente se enfastia
Dos movimentos que faço.

Eu fallo por muitas boccas
Com voz tão forte e tão cheia,
Que quem vem fallar commigo
De que eu falle se arreceia.

79

Nora

Eu sou mãe de muitos filhos
E todos commigo tenho,
Para lhes matar a fome,
Dou mil voltas, vou e venho.

Como no tempo presente
Tudo custa a sustentar,
Quando estão fartos e cheios
Ponho-me logo a cantar.

Bem que sou velha no mundo
De moile não tenho nada;
Mas em me cahindo os dentes
Fico de parte entrevada.

80

Moinho

Que é que é, andar, andar
E nunca sae do seu logar ?

81

Rodas

O que é, quo é
Umaz poucas d'irmãs,
Andam umas atraz d'outras
E nunca chegam ao pé ?

82

Cesto

Que é, que é
Tem bocca e não falla,
Tem azas e não voa,
Tem e... e não e...?

83

Carvão

Passéi por muitos janciros
Quando eu outra fórma tinha,
Até que meu dono viu
Que eu assim lhe não convinha.

Uma cousa que onde chega
Bota o que encontra a perder,
Quando me quer extinguir
É que me dá novo ser.

D'elle recebo o valor
Que me faz ser procurado;
Para gente que tem posses
Vou-lho a casa amortalhado.

89

A vela, o pavio, a luz

O pae é côto,
O filho é crespo,
O neto é loiro.

1 O conceito d'esta charada que me foi transmittida escripta, veio-me assim expresso: « É piano, mianho, minhas ».

90

Candeia

C... com c..., bico com bico,
Na ponta um *teteranico*.

90-A

Poço de ferro, albarda de linho,
Chega-lhe, chega-lhe c'um pausinho.

91

Mesa de jantar

Sobre pinho pinho 1,
Sobre pinho linho,
Sobre linho *feltores*,
De roda amores;
Adivinhal, senhores.

92

Louça da India

Venho aqui de tão longe,
Só por ser vossa criada,
Toda cheia de *feltores*,
Toda de flores armada;

A todos dou de comer,
Para mim não deixo nada,
E, descahindo da graça,
Fico não valendo nada.

93

Pão

Devendo aos quatro elementos
O vir a ser o que sou,
Sempre recibo mau pago
Da gente com quem me dou;

Sou abafado e depois
Em um carcere me vão pôr
Onde não mudo a figura
Mas do rosto mudo a côr;

O povo todo me busca
Poís necessita de mim;
Tive criação aos muros,
Tenho as facadas no fim.

94

Mostarda

Sou uma coisa que só
Não posso ter serventia,
E para fazer-me boa
Põe-me em má companhia;

O que de mim se estimula
Commigo não se põe mal;
Quer na cama quer na mesa
Eu sirvo a muito mortal;

Dos cinco sentidos um
Fica de mim descontente,
Ando por valer a muitos
Na bocca e nos pés da gente.

95

Sino

Alto está, alto mora,
Todos o veem, ninguém o adora?
— Um sino.
— M... de cão para o teu focinho.

95-A

Porca é minha cabeça
Antes que lhe deittem agua,
Fazem-me andar n'um sarilho
Por qualquer prazer ou magua;

Vivo de braços abertos
Com a lingua pendurada,
'stou ao *temporal do tempo*,
Padeço crucificado.

95-B

N'um alto pinoto
Está um maranoto,
Que tem um dente
Que chama toda a gente.

96

Morte

Os bens d'este mundo
Não tem duração,
Co'a pressa que vem
Co'a mesma se vão.
E, quando parece
Que fazem amanhã,
Ella vem de surpresa
E nos deita o gadanho.

96-A 1

Pelos povoados vai uma dama
Muito sisuda e depressa,
Sem saia e sem manto
E por onde vai causa espanto.

97

Caixão de defunto

Que é, que é que no monte nasce
E que no monte se cria

E, quando vem para casa,
Faz mais pena que alegria?

98

Tumba 2

Uma cama *chirrada, birrada e rebicata-*
chada; quem a chirrou, birrou e rebicata-
chou ha de pagar *chirradura, birradura e*
rebicatachadura.

L. DE CASTRO.

1 Outra versão não traz este verso.

1 Cf. n.º 37 d'esta collecção.
2 Não pude obter a traducção dos termos singulares empregados n'esta adivinha.
Eram repetidos inconscientemente.